

# Mercado brasileiro de alstroeméria



Antonio Hélio Junqueira\*  
Marcia da Silva Peetz\*\*

A alstroeméria (*Alstroemeria sp.*) é originária da América do Sul, sendo encontrada no Brasil nos mais diversos ambientes ecológicos, especialmente nos cerrados e campos de altitude. Mais raramente, nas matas tropicais. No País existem cerca de 40 espécies de alstroemérias que chegam a atingir até 1,5 metros de altura. As flores são pequenas e tubulares, medindo entre três e cinco centímetros de comprimento, por um a três centímetros de largura.

Já no Chile existem atualmente 31 espécies descritas que ocorrem, sobretudo, nas áreas montanhosas. Desse

modo, formam-se dois grupos distintos: o brasileiro e o chileno.

Ainda assim, a sua grande expansão como planta ornamental ocorreu na Europa, onde foi introduzida em meados do século XVIII pelo Barão Alstroemer. Inicialmente levada à corte sueca, rapidamente se expandiu para a Inglaterra e Holanda, onde se transformou em uma cultura de grande expressão.

Com o objetivo de melhoria genética da alstroeméria, o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) já realizou expedições de coleta para formação de uma coleção de espécies nativas para a realização de intercruzamentos visando à obtenção de novas cultivares bem adaptadas aos ambientes tropicais e subtropicais predominantes no País.

As alstroemérias comercializadas atualmente (*Alstroemeria x hybrida*)

são híbridos originados, principalmente, de espécies andinas, selecionadas e melhoradas na Holanda. Essas flores vêm conquistando altas cotações no mercado, especialmente durante os meses de inverno.

No Brasil são produzidas e consumidas nas seguintes cores: branco, laranja, amarelo, rosa, lilás, vinho, púrpura, vermelho, salmão, apresentando largas nuances de variação de tonalidades.

A principal cor no mercado é a branca, sendo 'Fuji' a cultivar mais solicitada pelos floristas. Além dela, o mercado nacional prefere cores puras, como o rosa ('Chanel'), amarela ('Fizenze' e 'Shakira') e vermelha ('Fuego'). Alstroemérias bicolores são, geralmente, menos aceitas pelos consumidores. As mudas originárias de propagação "in vitro" são importadas diretamente

da Holanda e sob contrato estabelecido entre o produtor e a empresa obtentora, no qual se prevê o pagamento de royalties cobrados por planta/ano. Esse controle tem sido bastante rígido e praticamente não se constata a prática da pirataria neste mercado.

A colheita da alstroeméria é realizada quando os botões começam a se abrir e colorir. O ramo é, então, arrancado, dependendo da variedade, altura do cultivo e estrutura do solo.

Depois de colhidas são acondicionadas em ramalhetes de 10 a 12 hastes de 60 a 70 centímetros de altura - o padrão do mercado. Mas podem variar entre 40 e 90 centímetros. A padronização é feita normalmente com uma única cor por caixa, que contém de 10 a 12 maços. Nas pequenas floriculturas, no entanto, as caixas podem ser feitas em maços de diferentes cores. Para maior proteção das flores, são colocados em caixas de papelão.

A comercialização de alstroemérias é crescente no mercado brasileiro e mais que dobrou em quantidade ofertada nos principais atacadistas entre os anos de 2008 e 2010. A disponibilidade das flores é mais intensa a partir do final do mês de julho, estendendo-se até dezembro.

A produção apresenta-se atualmente concentrada em mais de 90 % no Estado de São Paulo. A segunda região em importância de cultivo é o Estado de Minas Gerais, com pouco mais de 8% do mercado. Pequenas contribuições são observadas, ainda, em alguns municípios dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e região serrana do Rio de Janeiro. Em São Paulo, os principais municípios produtores são Holambra, Atibaia, Ibiúna, Jacaré, Nazaré Paulista, Pouso Alegre e Cotia.

Para aqueles que pretendem conhecer mais sobre o mercado de bulbosas ornamentais, recomendamos consultar o artigo "Bulbosas ornamentais no Brasil", de autoria dos pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Antonio Fernando Tombolato, Roberta Perry Uzzo, Giulio Stancato e Maria Amélia Vaz Alexandre; e pelos pesquisadores da Hórtica Consultoria e Treinamento, Antonio Helio Junqueira e Marcia da Silva Peetz, publicado na Revista Brasileira de Horticultura Ornamental (v.16, n.º2, 2010, p.127-138). Recomendamos, também, o capítulo brasileiro do livro "Ornamental Geophytes: from basic science to sustainable production" (New York: CRC Press, 2012) escrito pelos mesmos autores.

\* Engenheiro agrônomo, doutorando em Ciências da Comunicação (ECA/USP), mestre em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), pós-graduado em Desenvolvimento Rural e Abastecimento Alimentar Urbano (FAO/PNUD/CEPAL/IPARDES), sócio administrador da Hórtica Consultoria e Treinamento.

\*\* Economista, pós-graduada em Comercialização Agrícola e Abastecimento Alimentar Urbano, sócia-administradora da Hórtica Consultoria e Treinamento.